

Para compensar a escassez de divisas

Asabatina a que a Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado submeteu o economista Francisco Lopes para aprovar a sua indicação para a presidência do Banco Central teve o mérito de esclarecer algumas questões que estão influindo sobre as cotações do dólar, que continuam extremamente voláteis.

As saídas de dólares são freqüentemente citadas como sinal da debilidade das reservas cambiais do País. Segundo Lopes, o fluxo cambial reflete as operações realizadas por bancos e não indica a posição das reservas do País, uma vez que o governo se retirou da arbitragem do câmbio quando adotou o regime de livre flutuação. As reservas continuam no patamar de US\$ 36 bilhões, aí incluídos US\$ 9 bilhões emprestados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI).

Vale observar que, ontem, as saídas de dólares do País, pelo câmbio comercial e pelo flutuante, foram de cerca de US\$ 255 milhões, observando-se certa melhora no movimento exportador (câmbio contratado em um valor estimado em US\$ 114 milhões).

Há uma flagrante escassez de divisas no mercado, o que torna particularmente importantes duas decisões tomadas anteontem pelo BC. Primeiro, resolveu-se unificar as operações de câmbio comercial e flutuante a partir de 1º de fevereiro, acabando com um sistema adotado em 1990 e que, depois da livre flutuação, deixou de fazer sentido. Com a unificação, dólares existentes no flutuante podem

ser transferidos para o comercial ou vice-versa, contribuindo para evitar gargalos que pressionam as cotações. O BC decidiu igualmente aumentar em 50% o volume de divisas que as instituições financeiras podem vender sem possuir estoque, de modo a poder atender melhor a procura por moeda estrangeira (posição vendida).

O aumento já está em vigor e eleva de US\$ 2,300 bilhões para US\$ 3,450 bilhões o limite da posição vendida de todo o sistema financeiro. Lopes anunciou que o governo vai também aumentar a posição comprada dos bancos, que atualmente é limitada a US\$ 6 milhões para cada instituição autorizada. Espera-se que a combinação das duas medidas acalme, em pouco tempo, o mercado.

Isso vai depender, em boa medida, do retorno da exportação. Com os níveis baixíssimos de contratos de câmbio para exportação, é evidente que as empresas estão esperando para ver a quanto ficará a cotação do dólar para fechar operações. Mesmo quando a empresa deseja exportar, há muitas vezes necessidade de negociações com os clientes, que, cientes da desvalorização do real, pleiteiam descontos ou condições especiais.

Todavia, com o início da exportação do grosso da safra de grãos, em fevereiro/março, as cotações

tendem a cair substancialmente.

O novo presidente do Banco Central aproveitou a sabatina para eliminar, esperamos que de vez, as sugestões, partidas principalmente do exterior, de que o Brasil adote um sistema de câmbio fixo, ancorado no dólar. A lógica da "currency board", como notou Lopes, é exatamente oposta à da livre flutuação da moeda. A estabilização da economia brasileira, como ele reiterou, não deve ser buscada através de uma rigidez cambial que o País não tem condições de manter, mas por meio da realização de um verdadeiro ajuste fiscal.

Da mesma forma, ele rechaçou a idéia de centralização do câmbio, que se choca com a concepção central da política econômica adotada pelo atual governo, que optou pela inserção cada vez maior do País na economia internacional, como imperativo para a sua modernização.

Merce registro a visão de Francisco Lopes sobre os efeitos da desvalorização a mais longo prazo. Ele acredita que, mesmo em um cenário pessimista, com o dólar a R\$ 1,80, o impacto sobre a inflação não será superior a quatro ou cinco pontos percentuais, o que significa que a inflação não vai voltar. O presidente do BC crê também que, com o crescimento das exportações, os níveis de emprego na economia podem começar a recuperar-se. A economia não é uma ciência exata, como ele disse, mas as indicações são de que a sobrevalorização vinha freando o crescimento econômico e, portanto, deprimindo as condições de emprego. ■

O mercado deve acalmar-se em breve com a aceleração do movimento das exportações